



## ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Adrielly do Socorro Silva Sousa<sup>1</sup>  
Karolyne Emilly Oliveira Larrat<sup>2</sup>

**Categoria:** Comunicação oral

**Eixo Temático/Área de Conhecimento:** Acessibilidade e Educação Especial

**RESUMO:** O objetivo do nosso trabalho é mostrar, não somente a trajetória, mas as dificuldades da escolarização enfrentadas pela pessoa com deficiência visual através de relatos feitos por deficientes visuais. Os relatos foram feitos através de gravação de áudio, com seis pessoas com deficiência visual com idades entre 19 e 47 anos, todos são alunos do ensino superior (não por critério). Não foram feitas perguntas, cada um contou seu relato de experiência de forma livre. Após a gravação, os áudios foram transcritos e textualizados, sem alterar a ordem dos fatos contados. O referencial teórico metodológico deste trabalho teve como base os estudos de Campos (2016) e Val (2004) e Val (2004). O trabalho não tem intenção de apresentar soluções para as dificuldades relatadas, mas apresentar suas histórias norteando explicações de teóricos que contribuíram com seus estudos para explicar as situações que os deficientes visuais enfrentam nas escolas, o que nos permite ter uma melhor compreensão sobre o que viveram as pessoas que compartilharam suas histórias contando suas dificuldades na educação básica, resultante da falta de recursos e de preparo dos professores que não sabiam como lidar com esses alunos em sala de aula.

**Palavras-chave:** deficiência visual; educação especial; relato de experiência.

### 1. INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda no curso de licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação/Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: adriellydosocorro1012@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda no curso de licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação/Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: larratkarolyne@gmail.com



UNIFESSPA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ



É decorrente nos relatos histórias sobre suas passagens na escola, as dificuldades, angustias, e as desistências por falta de recursos e preparo da escola em recebe-los.

A Deficiência Visual nem sempre foi tão presente e inclusiva, podemos considerar que o fato de os deficientes visuais estarem ganhando cada vez mais espaços nas instituições de ensino é matéria recente, embora o assunto não seja tão novo. As dificuldades ainda são grandes, o aprendizado também não é tão simples, as escolas não estão preparadas para receber o aluno deficiente visual e ouvindo os relatos de experiências de pessoas que, mesmo com todas as dificuldades carregadas desde a educação básica por conta da deficiência visual, chegaram à universidade e outras já conseguiram o tão almejado diploma.

O Brasil conta com 186,1 mil escolas de educação básica, sendo que 61,7% são escolas municipais, 16,5% são estaduais e 21,5% são da rede privada e 57,8% das escolas brasileiras tem alunos com algum tipo de deficiência. No ano de 2008 esse percentual era de apenas 31 % (INEP; 2016), embora tenha havido um pequeno aumento no decorrer desses oito anos, é válido considerar já que nem sempre foi acessível o ingresso do aluno com deficiência visual nas instituições de ensino.

Dos estudos sobre a educação para as pessoas com Deficiência Visual, Nuernberg (2008) aponta algumas contribuições de Vigotski que favorecem o assunto, e umas dessas contribuições é a chamada Deficiência Primária e Deficiência Secundária, onde primária compreende as lesões orgânicas e secundárias são as de “consequências psicossociais” (Nuernberg, 2008, p. 3). Para Vigotski, o modo como a pessoa com lesão orgânica se desenvolve está relacionado ao modo como se relaciona com o seu meio social, e seu desenvolvimento é decorrente da ausência de educação de qualidade, o que o faz passar de uma lesão primária para a secundária.

Segundo Vigotski (1995<sup>3</sup>, apud GARCIA, 1999, p.2) “uma criança cujo desenvolvimento esteja complicado por uma lesão ou alteração cromossômica não é simplesmente menos desenvolvida que as crianças consideradas normais de sua idade. [...] mas desenvolve-se de outra forma”.

As Deficiências Secundárias são formadas socialmente, pois as culturas criam padrões, em relações sociais e principalmente quando o assunto é voltado a educação do Deficiente Visual, pois não são dadas oportunidades de aprendizagens que se adequem as suas necessidades já que não se enquadram no padrão imposto e assim não se desenvolvem, pois, suas oportunidades são restritas.

Ao falar de Educação é claro que a sociedade se subdivide, os Deficientes se limitam a educação que lhes é dada, a escola que não atende as necessidades dos alunos, o professor que não possui a adequada formação para mediar o aluno que precisa se esforçar para acompanhar a turma, e nos relatos alguns expõem memórias escolares onde não havia a atenção educacional necessária, e muitas vezes por falta de suporte pedagógico. Especificamente nesse texto, o foco está em trabalhar no processo de escolarização do aluno com Deficiência visual na educação básica, analisando lembranças do período escolar, com as narrativas das dificuldades escolares e educacionais relatadas.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa se deu na disciplina do Núcleo de Educação Especial (NEES) e teve como primeiros passos, a busca por pessoas com Deficiência Visual para gravação de áudios para coleta de relatos de experiências. A organização das entrevistas se embasou no texto de Val (2004), que nos orientou quanto a transcrição e textualização das falas.

---

<sup>3</sup> VIGOTSKI, L. S. Fundamentos da Defectologia. Obras Completas, tomo cinco. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1995, 2ª. Edição.

Os relatos foram feitos com seis pessoas com deficiência visual com idades entre 19 e 47 anos na cidade de Marabá, entres eles, dois nasceram cegos e quatro perderam ou estão perdendo a visão gradativamente. Foram usados pseudônimos para manter a privacidade dos entrevistados

**TABELA ENTREVISTADOS**

<b>Pseudônimo</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Formação</b>	<b>Tipologia</b>
Evelyn	19	Feminino	Graduanda em Direito	Baixa visão
Rosa	22	Feminino	Graduanda em Ciências Biológicas	Baixa visão
Patrick	37	Masculino	Mestrando em Educação Especial	Baixa visão
Renato	33	Masculino	Graduado em Ciências Sociais e Química	Cego
Fernanda	19	Feminino	Graduanda em Pedagogia	Baixa visão
Mario	47	Masculino	Graduando em História	Cego

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A deficiência visual pode ser observada em pequenas ações feita pelas crianças, como dificuldade em retirar da lousa, reclamações de dores de cabeça em excesso, aproximação dos objetos ao rosto para melhor visualização, desinteresse pelas aulas, entre várias outras ações particulares. Muitas crianças, principalmente

as que estão iniciando sua trajetória escolar, não têm noção das dificuldades que possuem, por esse motivo é importante o professor, pais ou responsáveis estarem atentos às atividades produzidas logo no início, para que recebam os acompanhamentos necessários.

Evelyn, em seu relato de experiência, conta sua dificuldade na escola no período em que começou a ter dificuldades visuais: “Mas quando eu entrei na 7ª, 8ª série eu sentia uma dificuldade muito grande em acompanhar a turma”. (p. 1, ls. 16-17).

Em outro momento, Evelyn conta que suas dificuldades em acompanhar a turma aumentaram quando começou o ensino médio quando explica:

*Quando eu entrei no meu terceiro ano vi que se eu ficasse o tempo todo com a minha turma eu não ia aprender, foi quando eu falei para meus professores “tem momentos que não dá para ficar com a minha turma”, quando eu tinha provas eu queria fazer em sala separada onde tivesse um professor me auxiliando, se tivesse uma prova de matemática e o professor simplesmente jogasse a prova de matemática em cima da minha mesa e ficasse vigiando o resto da turma, eles iriam fazer e eu não, porque eu não conseguiria ver os gráficos, as tabelas, as planilhas e iria me atrasar, então eu pedia para fazer as provas em outra sala com um professor me auxiliando. (p. 1, ls. 34-42).*

Lendo os demais relatos, o de Rosa e Patrick se aproxima da história de Evelyn. Rosa explicita suas dificuldades da seguinte forma:

*O meu ensino fundamental, foi complicado, quando eu fazia prova, às vezes não dava conta de ler a prova toda porque eu já estava cansada, minha cabeça já estava doendo, e às vezes não conseguia entregar o trabalho no dia. (p. 5, ls. 200-202)*

Já Patrick em sua entrevista diz:

*Eu ingressei na escola no município do interior do Sudeste do Pará em 1987, na época era primeira série, sendo que no ano seguinte, na segunda série, causou uma grande inquietação maneira como eu me comportava em sala de aula por conta do problema de visão, grande inquietação da professora porque eu não conseguia sentar e escrever o conteúdo do quadro, eu ia lá tirava uma letra, anotava no caderno, ficava esse vai e vem do quadro para a cadeira. (p.6, ls. 254-259).*

Renato e Fernanda também relatam suas dificuldades a escola, Renato diz: “E quando, em minha trajetória escolar, diante das dificuldades visuais, os professores do ensino fundamental não tinham conhecimento como lidar com pessoas com deficiência”. (p.15, ls. 668-670)

Fernanda relata da seguinte forma:

*Foi me negado, na verdade, a educação que no caso eu merecia, foi difícil, porque simplesmente eu passei de ano sem ter conhecimento algum; cheguei no ensino médio com a mesma história de não conseguir adquirir conhecimentos também. Foi já no meu terceiro ano do ensino médio que encontrei professores que me ajudaram realmente no processo de aprendizagem, foi a única série que eu guardo boas lembranças. (p.18, ls. 823-828)*

Os relatos de Evelyn, Rosa e Patrick são explicados por Campos (2016) quando cita que a pessoa com baixa visão:

Geralmente não realiza as atividades propostas em sala de aula por não conseguir enxergar o quadro, tem dificuldade de acompanhar o conteúdo escolar por não conseguir ler as fontes dos livros didáticos ou exercícios fotocopiados (p.105)

Como observado, as dificuldades de Evelyn, Rosa e Patrick se relacionam porque apresentam características distintas da deficiência visual, características essas que geralmente acontecem na sala de aula e não recebem a devida atenção.

O relato de Renato e Fernanda apresenta uma situação sobre a falta de preparação da escola em atendê-los, o que na educação básica é importante ser revertido, com a ajuda dos próprios pais, em procurar trabalhar em comunhão com a escola para melhores resultados.

O relato de Patrick chama a atenção porque nos serve como exemplo de como a época em que a situação acontece, influencia no modo de agir do professor. Se Evelyn e Rosa eram prejudicadas porque os professores não sabiam como desenvolver atividades com elas, Patrick recebeu uma repreensão por uma ação

característica da deficiência visual, o que nos leva a nos atentar ao contexto histórico ao qual aconteceu a escolarização dos entrevistados.

Cada época possuiu seus costumes e métodos de trabalho, e referente à aprendizagem, as escolas não sabiam como trabalhar com o deficiente visual, as salas de recursos nem sempre existiram, muitos eram invisíveis perante o resto da sociedade por causa das dificuldades (CAMPOS, 2016). Porém, “a luta pela educação dos cegos não é recente” (CAMPOS, 2016). Louis Braille foi o Criador do Código Braille, dando assim autonomia aos cegos, mas o alfabeto braille, quando chegou ao Brasil, não era acessível a todos, apenas um pequeno grupo tinha acesso a esse novo método de alfabetização, mas quando se expandiu muitos não queriam ser alfabetizados em braille.

Nos relatos de experiência há dois entrevistados que compartilharam curtamente suas experiências com o braille. Rosa relata: “Minha vida na escola em Goiânia, no início foi muito complicada porque eles não queriam me aceitar, eles queriam que eu fosse estudar o braille”. (p.5, ls. 190-191). CAMPOS (2016) citam Monteiro (2004), Leite (2003), e Almeida (2008) que falam das dificuldades da aprendizagem em braille e que as crianças cegas só usariam o alfabeto em braille para uso da leitura e escrita na escola, já que não há o uso desse alfabeto fora do contexto escolar. Em seu relato Rosa conta que sua visão “não iria piorar nem melhorar” (p.5, ls. 194) por isso fazia uso da leitura visual para não perder o pouco que tinha, e sempre estudou dessa forma.

Mário, em seu relato, conta que foi alfabetizado em braille quando adulto, mas não cita sua dificuldade na educação básica: “Quando cheguei à idade escolar, onde eu morava não tinha recursos para estudar, naquela época, final dos anos 70, já para os anos 80, ainda era muito difícil a questão da educação para as pessoas cegas”. (p. 21, ls. 950-952); sua dificuldade é relata quando já na universidade, ao falar da despreparação dos professores ao se deparar com um deficiente visual.

Rosa relata outra dificuldade em relação à leitura, o que dificultava seus estudos, “Eu sempre estudei bem de perto, meus livros sempre foram ampliados, minha fonte é vinte e dois, vinte e quatro...” (p. 6, ls. 197-198). Campos (2016) cita Nunes (2010) que diz que a adaptação de materiais é um facilitador a “compreensão de conceitos para as pessoas com deficiência visual” (p.115). A ampliação dos livros facilita a leitura pelo aluno com baixa visão, o que não quer dizer que não haja esforço em excesso, o que gera cansaço que leva até mesmo ao desinteresse, que também está presente no relato de Rosa nas linhas 200-202, citado anteriormente.

Um assunto comentado por Campos (2016) que influencia no aprendizado do deficiente visual é a Estimulação da Visão Residual, que é citado da seguinte forma:

Para maximizar o uso da visão residual, o treino consiste na estimulação e aprendizado do ato de ver – aumentar a visibilidade, através de ampliação, intensificação e/ou contraste e buscar desenvolver competências visuais e estruturas neurológicas visuais existentes. (p.110)

Dos entrevistados, apenas Rosa teve essa estimulação influenciada pela mãe “A minha mãe queria que eu usasse o pouco da visão para eu não perdê-la, porque os médicos sempre disseram que a mesma não ia melhorar nem piorar, mas ia ficar do jeito que estava [...]” (p. 5, ls. 192-194). É importante a estimulação da visão, valoriza o pouco da visão ainda existente, porém, mesmo com o uso da ampliação e das várias outras tecnologias, é importante não pressionar a leitura em excesso, pois, como já falado, causa cansaço e com isso o desinteresse, mas é possível trabalhar com a visão residual sem que haja o cansaço, e é importante essa estimulação para seu desenvolvimento.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Lendo os relatos percebemos que são feitas descrições de uma escola que conhecemos: professores malformados, escola sem suporte, falta de preparo em lidar com o aluno deficiente visual e recursos insuficientes. Todos que contribuíram com seus relatos para a construção do presente trabalho, concluíram a educação



básica, alguns estão em período de graduação e outros já concluíram sua formação acadêmica, o que nos mostra que perante as dificuldades, foi possível a educação.

A leitura dos trechos dos relatos nos leva a pensar em uma sociedade que não pensou em inclusão, mas a realidade de muitas escolas brasileiras está, aos poucos, repensando a educação dos deficientes visuais ainda com muita dificuldade. Na descrição dos entrevistados, observamos que todos concluíram ou estão concluindo sua graduação, o que descarta a impossibilidade da educação, mesmo que as dificuldades sejam grandes.

Não temos propostas de mudanças para as dificuldades que esses alunos passaram, nem explicações convincentes para explicar seu motivo, mas os estudos desses casos nos mostram que aos poucos, pequenas mudanças são feitas, claro que nunca existirá uma conclusão, porque as culturas mudam, e os próprios alunos com deficiência precisam acreditar em novas possibilidades, que se motivem com histórias de pessoas que passaram por dificuldades iguais ou maiores, mas que se dedicaram também em aprender. Tudo é questão de vontade, a educação é a mesma para todos, e todos possuem dificuldades.

## **REFERÊNCIAS**

GARCIA, R. M. C.; A Educação de Sujeitos Considerados Portadores de Deficiência: contribuições Vygostkianas. **Ponto de Vista**, jul-dez. 1999. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1519/1528>> acesso em: 13 jul. 2017.

FERREIRA, H. **Indícios de Deficiência Visual na Criança**. Rio de Janeiro: 2012, Apostila Curso de Qualificação de Professores na Área da Deficiência da Visão – Instituto Benjamin Constant.

FRANCA-FREITAS, M.; GIL, M. O desenvolvimento de crianças cegas e de crianças videntes. **Revista Brasileira de Educação Especial**, São Carlos, v. 18, n. 3, 2012.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382012000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000300010)> acesso em 11 jul. 2017.

KUGELMASS, J. A. **Louis Braille, janelas para os cegos**. Ed. Melhoramentos, publicados na imprensa braile da Fundação para o livro dos cegos no Brasil, 1956.

CAMPOS, Regina Célia Ribeiro (org). **Deficiência Visual e Inclusão Escolar: desfazendo rótulos**. Curitiba, CRV, 2016.